

RUMO AO EPÍLOGO

Bibliotecas não têm saída. Quem entrou vive mudando de corredor, estante ou de seção, muda até de prédio, mas está sempre dentro. O adolescente que vai passar férias na praia e lembra de colocar um livro legal dentro da mochila já sabe disso, aprendeu a grande lição.

Bibliotecas garantem o direito de escolha, oferecem liberdade. Além da variedade de textos, estilos e autores, há a opção de parar a leitura que não está agradando e trocar aquele livro por outro, que talvez, sim, seja a leitura desejada.

Bibliotecas públicas ou privadas são de graça ou muito baratas, no máximo uma pequena taxa semestral ou anual equivalente a um ingresso de cinema. E este fator econômico não é pouco relevante. Ser um consumidor da mercadoria livro custa muito caro no Brasil, poucas famílias podem bancar os custos daquela fase de "experimentação" fundamental a todos os leitores em formação.

Tive o privilégio de frequentar boas bibliotecas. A primeira, aquela onde tudo começou, foi a antiga Biblioteca Regional da Lagoa, uma maravilha que não existe mais. A biblioteca da Cultura Inglesa era ótima, e suas coleções de clássicos adaptados eram obras-primas. Por fim, a biblioteca do Colégio Santo Inácio, hoje um orgulho dos jesuítas, mas fundada pelos pais dos alunos na década de 1960, pois os pais daquela época exigiam biblioteca. E foi um pai de aluno quem esteve à frente de tudo: Dr. Raul Machado, engenheiro agrônomo, pai do poeta e escritor Luiz Raul Machado.

Quando terminei minha pesquisa de campo, em fins de 2004, não consegui evitar a nostalgia. Carregado de questionários, desci o corredor e fui visitar minha velha e boa amiga: a biblioteca do colégio. Estava mudada, bastante modernizada, e continuava a mesma. Só por brincadeira, fui conferir algumas estantes, ver se certas preciosidades continuavam nos mesmos lugares. A coleção completa do folhetim *Rocambole* estava, *A marca do Zorro* e *O último dos moicanos* também.

Lembro que nem todos os estudantes iam lá em busca de literatura. Muitos queriam apenas um lugar calmo e confortável para estudar física, e aquele era o melhor espaço. Outros queriam tão somente ler os jornais do dia ou as revistas da

semana aproveitando que estavam ali de graça. Ora, por que não? Mais de vinte anos depois, o comportamento dos alunos me pareceu basicamente o mesmo.

Três meninas e dois garotos, creio que todos alunos de sétima série, vieram me abordar entre as estantes, queriam tirar umas dúvidas... A Circe da *Odisséia* era a mesma Circe inimiga da Mulher-Maravilha nos quadrinhos? Sim, respondi. O nome do Ciclope, líder dos X-Men, era por causa do visor que ele usava, que dava a impressão de ele ter um olho só? Exatamente, confirmei. O mago Merlin tinha mesmo um irmão chamado Etrigan? Não, não. Etrigan era uma invenção do Jack Kirby para os gibis, fazer dele um irmão de Merlin foi só uma brilhante jogada de marketing. Por que o filme *Tróia* era tão diferente da *Iliada*? Nesta eu me atrapalhei, mas uma das meninas me salvou dizendo que a história era "grande demais para caber num filme, só ficaria legal numa minissérie".

E lá fiquei eu uns dez minutos esclarecendo dúvidas sobre personagens de cinema, literatura e quadrinhos. E constatando como, para aqueles cinco curiosos, as fronteiras entre erudito, popular e comunicação de massa eram tênues, pois estavam abertos para qualquer narrativa que pudesse empolgá-los. Apesar dos computadores, celulares, câmeras digitais, blogs, iPods etc, aqueles adolescentes (pelo menos quando na condição de leitores em busca de fascínio) não eram assim tão diferentes dos alunos do mesmo colégio vinte e tanto anos atrás.

No que tange aos assuntos abordados nesta tese, arrisco-me a dizer que eles, enquanto leitores de ficção, também não são muito diferentes dos alunos de outros tantos colégios espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Sempre estudei na Zona Sul, mas nasci e cresci em Bonsucesso, Zona da Leopoldina. Por amizade ou parentesco, continuo em contato com os garotos de Olaria, Ramos e Ilha do Governador até hoje. Dos dois lados do Rebouças, leitores de Júlio Verne são leitores de Verne e implicam com os fãs de Wells. O que vejo de novo sob o sol é um interesse crescente, dos rapazes e das moças, por mangás (os quadrinhos japoneses) e contos orientais (chineses, japoneses e árabes). Aliás, não parece ser um fenômeno local, pois a estética dos mangás está se espalhando por todos os quadrinhos ocidentais, até mesmo entre os franceses.

Claro, minhas impressões pessoais são apenas minhas impressões pessoais, não são relevantes estatisticamente. Se pelo menos houvesse estatísticas com as quais elas pudessem ser confrontadas...

Como expliquei antes, tentei realizar minha pesquisa de campo em uma escala maior, para tanto contatei escolas municipais (insisti principalmente com as Escolas Brasil e Berlim), busquei canais de comunicação formais e informais, mas foi em vão. Professores e coordenadores contatados não demonstraram interesse. Entre outros motivos, porque não podiam ceder tempo de aula dos alunos. Fui então ao Colégio Pedro II, federal, mas fui bloqueado pela burocracia assustadora do "Setor de Pesquisa, Extensão e Cultura". Veio a seguir a Greve dos 100 Dias... Foi inviável continuar ou sequer planejar a continuação do trabalho.

Algum dia, em um futuro não muito distante, talvez seja menos difícil ter acesso às escolas públicas para realizar pesquisas sobre leituras e outras narrativas que circulam entre os nossos jovens alunos. Tenho muito interesse em continuar e ampliar a investigação aqui iniciada. Seria ótimo ter as condições necessárias para cobrir escolas públicas e privadas de diferentes regiões da cidade, aplicando os mesmos questionários e realizando todos os procedimentos de forma padronizada.

Mesmo tendo trabalhado em pequena escala (embora fosse a máxima escala possível com os recursos disponíveis), creio ter dado conta das hipóteses formuladas lá na introdução (ver primeiro capítulo). A lembrar: as influências da comunicação de massa nas expectativas dos leitores, o uso da confluência como técnica de resumo e a necessidade de adequar a narrativa às exigências do sistema educacional vigente. Nos casos estudados, pudemos observar e analisar o quanto do enredo clássico permaneceu e as virtudes do texto novo, em linguagem adequada e acessível ao público das adaptações.

Ainda que meu trabalho possa ser considerado limitado por ter focado um segmento específico do mercado de adaptações (a faixa etária de onze a catorze anos), prefiro considerar que esta delimitação foi uma opção pela objetividade. O tema adaptação é vasto e deveras arriscado, um pesquisador pode se dispersar com facilidade. Apesar daqueles grandes saltos cronológicos empregados nos capítulos iniciais, evitei a dispersão e segui uma trajetória do gênero desde o pioneirismo de Lamb até o presente, passando por outros pioneiros, como Lobato.

No capítulo 2, graças a Borges, Said e Foucault, foi possível relembrar que a literatura é narrativa, sempre viva, ativa e poderosa. Que não existe por si só, que faz parte de discursos construídos e constantemente atualizados. A própria literatura, então, não pode ser imune ao passar do tempo. Uma revisão aqui, outra

tradução ali e o que estava escrito começa a mudar, mesmo que seja um processo lento e discreto. A mutação é inerente à dinâmica das narrativas.

No capítulo 3, vimos em que contexto histórico surgiu o *copyright*, a única regra capaz de restringir de fato a atualização dos discursos literários. Regra esta que é a expressão jurídica de uma complexa rede de interesses econômicos, tanto comerciais como industriais, com desdobramentos políticos e estratégicos. Afinal, conhecimento é poder. O *copyright* se refere diretamente às disputas pelo controle de produção, circulação e consumo do conhecimento.

Se no segundo capítulo vimos como as narrativas são vivas e atualizáveis, no terceiro foi possível mostrar por que foi preciso se construir as ideologias do autor e do texto fixo como alicerces de toda uma indústria.

No capítulo 4, acompanhamos por meio da trajetória profissional do editor, escritor e adaptador Monteiro Lobato como foi o processo de nacionalização do livro escolar no Brasil. Processo este que ilustra a chegada e o desenvolvimento das adaptações escolares em nosso país. O estilo lobatiano de adaptar os clássicos foi comentado e comparado com as técnicas de seus sucessores.

No capítulo 5, pudemos rever a consolidação da indústria do livro didático e paradidático, observar a profissionalização do setor de adaptações de clássicos para jovens e, contraditoriamente, a perda de *status* do ofício de adaptador. Perda no sentido de valor literário, pois este movimento fazia todo sentido dentro da lógica intrínseca deste sistema de produção: proteção jurídica, *marketing* editorial baseado na força da obra "original", com apelo à tradição e à fidelidade.

Além de mostrar um panorama do ofício de adaptador no Brasil, o quinto capítulo tentou trazer para o estudo das adaptações escolares algumas idéias sobre as relações entre cinema e literatura, normalmente usadas pela narratologia para comparar livros e filmes. Se estudamos a literatura como narrativa, então a teoria da narrativa deve nos oferecer instrumentos válidos para observação e análise. Usei o pensamento da professora holandesa Mieke Bal, mas outras contribuições podem vir dos muitos especialistas atualmente dedicados ao diálogo entre a literatura e as artes visuais.

No capítulo 6, chegamos ao primeiro estudo de caso: Ana Maria Machado recontando a obra de Thomas Malory. E a comparação da adaptação escrita com uma versão cinematográfica de prestígio.

No capítulo 7, o segundo estudo: Ruth Rocha recontando a *Odisséia*. Mais uma vez, a adaptação escrita para adoção escolar foi comparada com um filme adaptado da mesma obra.

Nos dois casos estudados, as hipóteses da pesquisa de campo no Colégio Santo Inácio foram confirmadas. Os resultados são parciais, mas são estimulantes.

E só começamos a arranhar a superfície do objeto.

Como vimos ao longo da tese, é inevitável que o legado narrativo de uma sociedade sofra transformações ao longo do tempo, algumas justificáveis, outras nem tanto. Sabemos que narrativas criam, recriam, atualizam sentidos e valores; que estas narrativas são referências necessárias tanto para um pessoa como para uma cultura; precisamos narrar para construir nossas identidades. Sempre. Fazer isto de maneira coerente e consistente é vital. Perceber que nossas narrativas fundamentais se transformam e discutir estas transformações pode nos enriquecer de múltiplas formas, inclusive na percepção das diferenças culturais e na oposição a qualquer fundamentalismo.

Nossos legados narrativos, bem como os processos de atualização que lhes são inerentes, estimulam a formação do espírito crítico e da consciência histórica. A transmissão formal destes legados, por meio da escola e daqueles sistemas que lhe são complementares, como as bibliotecas públicas por exemplo, é urgente e de importância capital para um país como o Brasil, que tem na baixa escolaridade da ampla maioria de sua população um dos maiores entraves para um verdadeiro desenvolvimento econômico e social.

Formar leitores ainda é um dos trabalhos mais gratificantes e importantes a que um professor pode se dedicar. Vale a pena. E boas adaptações são excelentes instrumentos para esta tarefa.

O escritor Jorge Luís Borges foi crítico, jornalista, diretor de biblioteca e também professor. "Gosto muito de ensinar, sobretudo porque enquanto ensino estou aprendendo", declarou em uma de suas entrevistas a Fernando Sorrentino, citada por Martín Arias na introdução do livro *Curso de Literatura Inglesa*.

Livro curioso, porque nunca foi escrito, mas falado.

Nomeado diretor da Biblioteca Nacional argentina em 1955, Borges foi aceito como professor titular da cátedra de literatura inglesa e norte-americana na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires em 1956.

"Eu sei, ou melhor, dizem-me, porque eu não posso ver, que minhas aulas estão cada vez mais cheias de alunos e que muitos deles nem mesmo estão inscritos na matéria. De modo que é de supor que queiram me ouvir, não?" São as palavras de Borges na epígrafe do livro nunca escrito. De fato. O professor falava, seus alunos ouviam e anotavam. Em 1966, resolveram gravar em fitas magnéticas as vinte e cinco aulas do curso de literatura inglesa ministrado por Borges. Era a gênese do livro em questão: *Curso de Literatura Inglesa*, de Jorge Luís Borges, organização de Martín Arias e Martín Hadis (Martins Fontes, 2002).

O registro das aulas mostra que o velho professor pretendia, mais do que qualificar os estudantes da faculdade, despertar neles o fascínio pela leitura. Não se preocupava com exames ou notas, lecionava para levar seus alunos ao desejo de conhecer e de experimentar a literatura e os escritores. Assim sendo, nada mais coerente que o curso terminasse com o epílogo reproduzido abaixo; pequena obra-prima que peço emprestada para, por ora, encerrar:

Epílogo^{*}

Acho que a frase "leitura obrigatória" um contra-senso. A leitura não deve ser obrigatória. Devemos falar de prazer obrigatório? Por quê? O prazer não é obrigatório, o prazer é algo buscado. Felicidade obrigatória! A felicidade, nós também buscamos. Fui professor de literatura inglesa por vinte anos na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e sempre aconselhei a meus alunos: se um livro os aborrece, larguem-no; não o leiam porque é famoso, não leiam um livro porque é moderno, não leiam um livro porque é antigo. Se um livro for maçante para vocês, larguem-no; mesmo que esse livro seja o *Paraíso perdido*, para mim não é maçante, ou o *Quixote*, que para mim também não é maçante. Mas, se há um livro maçante para vocês, não o leiam: esse livro não foi escrito para vocês. A leitura deve ser uma das formas de felicidade, de modo que eu aconselharia a esses possíveis leitores do meu testamento, que não penso escrever, eu lhes aconselharia que lessem muito, que não se deixassem assustar pela reputação dos autores, que continuassem buscando uma felicidade pessoal, um gozo pessoal. É o único modo de ler.

Jorge Luís Borges

^{*} Tirado de *Borges para millones*, entrevista feita na Biblioteca Nacional em 1979. Citação: BORGES, *Curso de Literatura Inglesa*, Organização de Martín Arias e Martín Hadis. São Paulo, Martins Fontes, 2002, pág. 390.